



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1152

## **A IMPORTÂNCIA DOS MITOS PARA AS SOCIEDADES INDÍGENAS**

Rosa Cristina Ribeiro  
(UFMS)

Julia Falgeti Luna  
(UEPG)

Bárbara Cristina Krüngel de Barros Almeida  
(UNIESP)

A comunicação busca compreender a importância da mitologia para as comunidades indígenas, por meio de pesquisa oral e fonte documental. Questiona-se, se estes se fazem presente nos dias atuais, além de procurar uma melhor compreensão do que são os mitos, pois todas as sociedades possuem um conjunto de ideias e reflexões próprias sobre a origem do mundo, como foram criados os seres e elementos. Portanto é comum que essas ideias e reflexões sejam narradas na forma de histórias denominadas mitos. Dessa forma nos apoiaremos metodologicamente nos autores Everardo Rocha, Moses Finley, Darcy Ribeiro, Claude Levi-Staruss entre outros. Nas comunidades indígenas a recorrência à mitologia é uma prática cultural comum para se identificarem e para que sua própria existência tenha uma explicação. No entanto essa prática com o passar do tempo foi diminuindo consideravelmente em algumas sociedades, delegando aos integrantes mais antigos o conhecimento de tais signos. De acordo com as leituras das obras acima indicadas foi possível interpelar que o mito não é uma mentira como muitos imaginam, ele é verdadeiro para quem o vive, sendo bem mais do que um simples contar de história. Sua verdade não obedece à verdade da lógica, concluindo que o mito é um relato do que se quer explicar, visto como uma forma de registro da história acontecida nas comunidades indígenas, porém não é algo particular.

**Palavras-chave:** mitologia; mitos; comunidade indígena

### **INTRODUÇÃO**

Fazendo uso do mito podem-se explicar diversas situações quebrando paradigmas, pois Everardo Rocha, diz que o mito é um discurso, uma fala, sendo a forma como as sociedades, neste caso especificamente a sociedade

indígena Ofayé, espelham suas contradições, exprimem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Consistindo um meio de reflexão sobre a existência, o cosmos, as situações e relações sociais. O mito está na existência, resiste a tudo, fazendo no fundo com que suas interpretações sejam quase sempre matéria-prima para novos mitos.

Um dos pontos marcantes dos mitos Ofayé é a sua exacerbada preocupação com as fontes de alimentos. Procurando responder questões que dizem respeito à origem das caças e das florestas, das plantas cultivadas, do fogo, do mel e as dificuldades da sua vida de caçadores, coletores e pequenos lavradores nômades. Por isso é constante em seus mitos a presença de animais dotados de fala que anda em duas patas e que se casa com índios Ofayé.

## **BREVE EXPLICAÇÃO DO QUE É O MITO**

Em primeiro lugar cabe aqui neste trabalho a tarefa de conceituação sobre o que representa um mito. Trata-se de uma narrativa utilizada desde a antiguidade para explicar fenômenos da natureza que não podiam ser compreendidos, bem como a origem do mundo, dos homens e dos animais, porém essa palavra pode conter inúmeras denominações e explicações, sendo um conceito amplo que se confunde com fatos reais e pessoas que existiram para contextualizar o que se pretende explicar, de acordo com professor Everardo Rocha (1991).

Segundo ainda nosso interlocutor (1991) é errôneo imaginar que é possível definir o que é mito, pois o mesmo apresenta inúmeros significados, já foram utilizados pelos mais diferentes povos, de diversificadas maneiras, almejando objetivos incomuns. Com componentes bem amplos é corriqueiro confundir mito e lendas acreditando que é o mesmo acontecimento, o que não é verdade, pois possuem objetivos diferentes a lenda não se preocupa em explicar os fatos ocorridos em uma determinada sociedade, ela possui uma vertente folclórica contando histórias fantasiosas. Quando o mito é a forma que os grupos humanos possuem para demonstrar como eles percebem o mundo,

bem como possuem características relacionadas à simbologia de uma determinada cultura.

Ainda nos apoiando em Rocha afirma-se que por meio do mito era possível explicar o que estava acontecendo no grupo durante determinado momento, assim poderiam encontrar soluções para seus conflitos bem como responder para suas inquietações.

É o próprio professor Everardo que assim argumenta acerca do caráter simbólico do mito:

Esta é a graça do mito. Ele há de ser sempre desafio, abertura, enigma. É livre e sábio o suficiente para não temer a morte, não se deixar escravizar por conceitos que o obriguem a ser isso ou aquilo e só. (ROCHA, 1991, p. 16).

O mito não é uma mentira como muitos imaginam, ele é verdadeiro para quem o vive, sendo bem mais do que um simples contar de história. A verdade do mito não obedece à verdade da lógica, podendo-se concluir que o mito é um relato do que se quer explicar, visto como uma forma de registro da história que não foi só difundida historicamente, ele é a própria história ao passo que a mitologia é o conjunto desses episódios históricos acontecidos nas comunidades indígenas. Mais especificamente para fins desse estudo o grupo Ofayé<sup>1</sup>.

Existem casos em que o mito pode estar relacionado a acontecimentos que em alguns fatos estão afastados da própria história do mito. Em determinados mitos é possível e mesmo comum encontrar consolo para situações vividas, mas é necessário lembrar que ele pode nos enganar, por isso é importante saber como empregá-lo. Como ensina, ainda, o professor Rocha (1991).

O mito consola a todos nós muitas vezes. Pode nos enganar também. Mas, o importante é que saibamos seus poderes, que saibamos com ele jogar. Seja o jogo de sentir e se emocionar,

---

<sup>1</sup> Comunidade indígena localizada na cidade de Brasilândia/MS, contando atualmente com menos de cem habitantes.

seja o jogo de interpretar e pensar o mito. Ele, certamente, pensa a todos nós. (ROCHA, 1991).

Segundo Finley (1989), na Grécia antiga, muitos mitos foram criados para que deste modo os gregos pudessem passar mensagens preservando a memória histórica de seu povo. Muitos destes mitos chegaram até os dias de hoje e por serem histórias riquíssimas em diversas áreas da sociedade se tornaram fontes importantes de informações que nos ajudam a entender a história da civilização. Os gregos amavam seus épicos e tragédias porque os faziam lembrar de seus ritos, sendo de grande importância para cada indivíduo e de maior importância para as comunidades.

Nas palavras, ainda de nosso autor, Os gregos antigos tinham uma imaginação muito fértil e por isso buscavam explicação em tudo o que os cercavam para ilustrar os fatos ocorridos, por enxergarem vida em tudo criaram personagens e figuras mitológicas das mais diversas formas, entre eles os heróis, deuses, ninfas, titãs e centauros que habitavam o mundo material e exerciam forte influência em suas vidas. (FINLEY, 1989)

Finley nos relembra de um dos mitos mais importantes da história antiga grega conhecido que é o do Minotauro. Este seria um ser com corpo de homem e cabeça de touro, que habitava um labirinto na ilha de Creta, se alimentava de sete rapazes e sete moças, muitos gregos tentaram mata-lo, porém acabavam se perdendo no labirinto ou era morto pelo monstro. Teseu filho do rei Egeu, foi para Creta com a finalidade de matar o Minotauro, com a ajuda da filha do rei de Creta que lhe deu um novelo de lã mágico ele entrou no labirinto e conseguiu matar o monstro com um golpe de espada e saiu usando o fio de lã que havia marcado todo o caminho percorrido.

Tal labirinto referido por Finley se trata do Colossal palácio de Cnossos em Creta, destruído posteriormente no século XIV a. C. com a invasão dos Aqueus povos guerreiros vindos dos Bálcãs que ali se instalariam. Posteriormente outro povo, os Dórios, ali se instalaria e dariam início ao que se chamara de Grécia Clássica isso já nos séculos XI e XII a C., segundo Funari (2001), ao construir uma civilização baseada na escrita e no uso da moeda, esses gregos principiam uma fase muito importante na história do mundo ocidental, a saber, a explicação das coisas por meio do mito. Assim se justifica

a retomada da história dos povos antigos habitantes das ilhas de Creta, e sobretudo a retomada, da explicação de uma origem mitológica como o labirinto e de que ali tinha um ser metade homem e metade touro, evidenciado a bravura deste povo ao matar tal ser mitológico no labirinto, palácio de Cnossos.

Os mitos gregos apresentam uma forte relação com os deuses, sendo que estes habitavam o Monte Olimpo, de onde comandavam as relações sociais e políticas dos seres humanos, eles eram imortais, contudo possuíam características humanas, muitas vezes se apaixonavam por mortais e acabavam tendo filhos com eles, surgindo assim os heróis, que eram metade deuses e metade mortal. (Finley, 1989).

Segundo nossos pesquisadores dessa temática tanto Finley (1989) quanto Funari (2001), são enfáticos ao afirmar que Homero foi o poeta grego da antiguidade que muito fez uso dos mitos em seus poemas, sendo que estes se tornaram importantes fontes de estudo sobre a Grécia Antiga. Os contos homéricos revelam informações sobre comportamento, cultura, religião fatos históricos e da mitologia grega. Em as *Ilíadas* e *Odisseia* Homero faz uso dos mitos para contar os sofrimentos que o personagem principal passa em sua tentativa de voltar para casa após o termino da Guerra de Troia. Funari (2001) afirma que “a expansão militar dos aqueus para ao mar em busca de novas terras gerou a lendária guerra entre gregos e troianos” afirma enfaticamente que “Embora a Guerra de Tróia seja uma lenda...reflete os conflitos reais que ocorreram entre gregos e outros povos no final do segundo milênio”

A cultura, as artes e a literatura do ocidente sofreram uma forte influência da mitologia grega permanecendo como componente da herança e da linguagem ocidental. Analisando o mito e a mitologia na Grécia Antiga percebe-se que o seu significado pode ser qualquer narrativa sacra ou tradicional, sendo um termo crítico e ainda moderno, por isso os próprios gregos não se referiam as suas histórias com esta denominação, mas sim como uma religião.

Para Finley (1989) O mito antigo era o grande mestre dos gregos em todas as questões do espírito. Com ele, aprendiam moralidade e conduta; as virtudes da nobreza e o inestimável significado ou a ameaça da *hybris*; e ainda sobre raça, cultura e até mesmo política.

Sugere, Finley que ao estudarem a história grega muitos historiados acabam por divergirem sobre a veracidade dos mitos, uns dizem que ele não é verdadeiro enquanto outros afirmam que nos mitos se encontra a verdade dos fatos alterados. Tal pensamento levou os mitos a serem utilizados por outras ciências humanas como é o caso da Antropologia e da Psicanálise, sendo que o grande impulso para o estudo dos mitos foi dado por Freud ao utilizá-lo em seus estudos sobre o inconsciente.

Ao iniciar os estudos sobre os mitos múltiplas vertentes de interpretações foram sendo criadas a partir da sua riqueza de significados. Entre estas correntes de interpretação está a estruturalista que considera os mitos como a base da sociedade, buscando neles dados sobre as estruturas sociais das comunidades. Tal vertente é a postura do antropólogo francês que viveu, lecionou e estudou os povos indígenas da Amazônia Claud Lévi-Strauss (1989).

Quando o mito se permite uma interpretação está se torna um novo mito, Lévi-Strauss (1989), diz que “o valor do mito como mito persiste a despeito da pior tradução”, para ele existe uma aproximação entre o mito e a linguagem, assumindo assim que o mito decorre a partir do conhecimento da palavra. Por esse motivo é preciso sempre voltar à atenção para a sociedade que o produziu e em outros mitos que abordam o mesmo contexto.

## **O MITO E A SOCIEDADE INDÍGENA.**

As sociedades indígenas sempre mantiveram uma forte conexão com o meio em que habitam por isso as tradições indígenas são ricas no que se refere à produção cultural. Para Vanderléia Mussi (2014), os indígenas criam mitos para contar suas histórias e o que sentiam, pois o mito é uma linguagem essencialmente simbólica originada da cultura específica de cada sociedade dentro de seus conceitos culturais, levando-os a uma reflexão de como foi o passado da sociedade em questão, de como ela é no presente e como pode ser no futuro.

Destarte a citada autora expõe que com a chegada dos portugueses ao novo território os indígenas passaram a fazer uso de seus mitos para descrever

o que sentiam e pensavam sobre este novo homem que eles não conheciam e era tão diferente deles tornado assim a sua mitologia preenchida de fatos que fazem alusão a este novo homem. Assim o mito estabeleceu um diálogo entre as culturas criando novas e constantes variações dos mitos das sociedades indígenas que mantinham contato com o homem branco.

Segundo Ribeiro (1976) a mitologia indígena sempre foi riquíssima com detalhes que os remetia a criação de seu povo, com referências aos animais, em muitos casos não fazendo uma diferenciação entre o modo de vida dos humanos e dos animais, sendo que eles chegam até mesmo a se casarem. Outra recorrência nos mitos são o sol e a lua que em determinados casos quase chegam a se tocar, homens que viram animais e animais que viram homens, e como foi que surgiu cada alimento e como passaram a cultivá-los.

Para Aracy Silva (1995), em algumas sociedades indígenas os mitos determinam como deve ser a organização social e incluindo a transmissão dos nomes pessoais, estabelecendo as categorias sociais geram regras próprias que pode ser dadas ao casamento. Tais determinações provocam questionamentos que incitam reflexões que levam a uma nova versão do mito em questão.

Se o que dissemos até aqui enfatizara a racionalidade e a universalidade do mito, ressaltando o que é compartilhado por toda a humanidade, cabe agora abordar esta outra face, ou seja, o mito como produto e como instrumento da reflexão de um povo específico sobre sua maneira de viver, sua sociedade e sua história, e como expressão de concepções culturalmente elaboradas, reveladoras de especificidades sócio-culturais.  
(SILVA, 1995)

Para a antropóloga os mitos não somente espelham, mas problematizam como a sociedade indígena está organizada, levantando questionamentos acerca dos objetos que compõem os mitos, haja vista estes se articularem a ritos específicos dando tratamento próprio aos temas abordados. Sendo que em algumas sociedades os mitos são encenados com rituais específicos, às vezes com uma dramatização do que é narrado no mito e em outros casos com uma linguagem adequada para que assim trabalhem a vida social da comunidade.

Continuando com sua linha de pensamento Silva afirma que os mitos se dão em cenários cósmicos e de difícil acesso para os que não compreendem os segredos da vida das sociedades indígenas, pois os mesmos estão relacionados com as suas cosmologias que expressam a ordem e hierarquia dos seres e o lugar do homem a partir desta visão.

Desta forma os mitos são produtos e instrumentos de reflexão acerca de cada sociedade e sua vida social, mantendo um intercâmbio com a história deixando-se levar e se transformando, dando um novo significado para a sociedade. Estes significados dialogam com a história expressando a concepção indígena dos processos da história onde criam as suas próprias noções de tempo, formando a sua consciência história e mítica.

Este fato fica bem evidente no livro de Darcy Ribeiro (1976), “Uirá” que sai à procura de Deus, em que ele relata a história de um chefe indígena que levado por suas interpretações sociais e mítico-religiosas dos mitos de sua comunidade após a morte de seu filho vai de aldeia em aldeia incitando os índios a declararem guerra contra as aldeias que jugam ser suas inimigas aplacando assim suas crises morais transformando a tensão emocional em furor guerreiro.

Sua história se filia a toda uma copiosa documentação que se vem acumulando desde o primeiro século da ocupação do Brasil, sobre movimentos messiânicos, de revivalismo e outros do mesmo caráter, vividos por índios levados ao desespero em consequência da expansão de nossa sociedade e de seus efeitos dissociativos sobre a vida tribal. Todos eles são, de resto, casos locais de fenômenos que se verificam em várias partes do mundo onde povos de nível tribal sofreram o impacto da expansão civilizadora da Europa. (RIBEIRO, 1976).

## **ESTUDO DE CASO: O POVO OFAYÉ DE BRASILÂNDIA/MS**

Nos mitos Ofayé recolhidos por Ribeiro, em sua estadia entre um pequeno grupo em 1948, há referências a casamentos entre Ofayé com animais como forma de obter “recursos” para a subsistência do grupo. Embora atualmente os Ofayé afirmarem que não contam mais seus mitos, é



interessante notar a presença desse tipo de aliança na mitologia Ofayé. (BORGONHA, 2006).

Segundo a autora acima mencionada os mitos apresentam uma grande variação, pois são criações de cada sociedade indígena com identidade cultural própria, fazendo assim menções ao meio em que habita e suas peculiaridades. Todavia ele apresenta variações de temas comuns que podem ser percebidas em outras localidades e em muitos casos universalmente, isto faz com que o fascínio e o mistério em torno dos mitos sejam ressaltados dificultando a sua compreensão.

Seguindo com sua explanação a pesquisadora da temática afirma que desta forma as sociedades indígenas conseguem fazendo uso de uma linguagem simples e típica transmitir as crianças conhecimentos, reflexões e verdades que jugam essenciais e que apresentam uma complexidade que elas irão descobrindo aos poucos e como já tiveram um primeiro contato por meio dos mitos se torna mais fácil compreendê-las. Em algumas comunidades indígenas, como é o caso dos Ofayé, já não se conta mais os seus mitos e suas narrativas que são orais estão se perdendo no tempo, pois os mais jovens não se interessam em aprendê-las ficando ao cargo dos mais velhos a tentativa de preservá-los.

Para Borgonha (2006), Ao transmitir suas tradições fazendo uso da mitologia os indígenas vão recriando os acontecimentos e, portanto o mito vai se transformando e ganhando novas características, pois do contrário ele perderia o seu significado tornando-se apenas recordações e não memórias de um povo. Tais memórias são narrativas e alusões vivas do passado que influencia o presente e, sobretudo o futuro das sociedades indígenas, são contadas de forma temporal recorrendo muitas vezes a nomes de pessoas e lugares tanto do presente como do passado criando assim uma sequência narrativa.

Borgonha (2006), reflete que para que não se forme a ideia errônea de que as sociedades indígenas são um povo sem história é preciso compreender a cultura indígena, sua língua, crença, seu sistema social e econômico, principalmente procurar entender o papel que o indígena teve e tem em nossa sociedade e em nossa história, e compreender que eles não são um povo voltado somente para o seu lado místico que nega o fluxo da história

reconhecendo apenas os processos de recomposição, pois os mesmos aprenderam a fazer uso de sua mitologia para resguardar as suas tradições recriando-as ao transmiti-las preservando assim a sua identidade cultural, sendo que alguns povos passaram a escrever suas histórias e publicá-las em jornais e obras científicas.

Nesse diapasão o etnógrafo Curt Nimuendajú<sup>2</sup> (1987) em seu livro “As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani” relata a complexa organização social das sociedades indígenas de forma meticulosa. Para ele os mitos tinham uma função maior e mais importante do que somente a transmissão dos fatos ocorridos nas comunidades, eles são a forma de preservar aspectos fundamentais da cultura e religiosidade indígena. A sua obra é voltada quase com exclusividade para os índios Guaranis e suas tradições, mas ele dedica algumas páginas para relatar os mais antigos mitos da etnia Ofayé e a forte relação dos citados índios e seus mitos.

Em um destes relatos Nimuendajú conta que ao se deslocar para a aldeia dos Ofayé ele consegue apanhar um tatu, todo feliz com sua aquisição chega a aldeia e mostra a caça para os índios, eles ficam felizes, mas de repente começam a chorar e a empurrar o tatu de volta a mata, ele sem saber o que estava acontecendo se preocupa achando que fez alguma coisa que não deveria, até que no meio de toda confusão consegue entender que o desespero dos índios se deve ao fato de que o tatu tem a orelha fendida e que os Ofayé não casam animais deste tipo, pois consideram que são irmãos deles devido a um mito que traz em sua raiz uma alusão a este fato.

Outra relação importante dos mitos com esta sociedade indígena é observado nos mitos que vem expressando a preocupação com a origem das fontes de alimentos, dos animais, das plantas e florestas, sobre tudo com o mel e as dificuldades por eles enfrentadas no passado. Segundo o etnógrafo relata seus mitos ainda revelam a preocupação que tinham com o sobrenatural e com o Sol e a Lua, a hostilidade com as mulheres se faz muito presente, haja vista partir delas a curiosidade não respeitando assim as tradições.

---

<sup>2</sup> Etnógrafo alemão que veio para o Brasil em 1905, iniciando seu trabalho junto aos índios no Estado de São Paulo, foi batizado pelos Guaranis como Nimuendajú, naturalizou-se brasileiro em 1922 adotando o nome de Curt Nimuendajú.

Para Ribeiro em diferentes sociedades indígenas percebemos uma forte relação com a religião que muitas vezes se assemelha a religião dos não índios e vem sendo transmitidas nos mitos, surgem também às divindades como o trovão, o Sol, as estrelas e os raios, que vem cheios de significados do passado distante de cada comunidade. Assim o antropólogo averigua que um mesmo mito pode ter diversas ramificações e significado próprio de cada comunidade que faz uso dele.

Borgonha afirma que por meio de suas narrativas os Ofayé apresentam um universo cheio de significados e simbologias, que vem perdendo espaço entre eles por causa de seus deslocamentos, fazendo com que abandonem o modo tradicional de seus antepassados e seus rituais, chegando a afirmar que não contam mais seus mitos, mas suas narrativas são densas e assim vão construindo uma nova identidade para o povo Ofayé.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na pesquisa desenvolvida para elaboração do presente artigo pode-se concluir que o mito trata de uma narrativa que os povos antigos utilizavam para transmitir seus conhecimentos e explicar os fenômenos da natureza que não podiam ser explicados. As antigas sociedades buscavam em seus mitos a fonte de origem do mundo, homens e animais, mas ele é um fenômeno de difícil explicação, podendo representar várias ideias.

Bem como é impossível definir o que é o mito, pois este traz em sua origem vários significados que de diversas maneiras já foram utilizados pelas sociedades em sua busca por objetivos comuns, tornando-se impossível de ser explicado, várias foram às tentativas de entender seus significados para a vida do ser humano.

Assim como os mitos quando relacionados às sociedades indígenas proporcionam explicações sobre a sua origem, levando os indígenas a manter uma forte ligação com seu habitat e tradições, o que os levam a uma busca de como viviam seus antepassados, de como eles vivem no presente e como poderá ser no futuro.

Deste modo observamos que nas sociedades indígenas os mitos são encenados cunhando uma nova visão da vida social da comunidade, criando novos significados para esta que se transformam propagando a concepção indígena dos processos da história onde criam as suas próprias noções de tempo, formando a sua consciência história e mítica.

Fazendo uso de uma linguagem simples e de fácil compreensão os indígenas conseguem transmitir as crianças sua cultura, ritos, danças e cantos com a ajuda do mito que as remetem a um passado onde homens e animais conviviam como iguais. Analisando os fatos torna-se errado imaginar que as sociedades indígenas são um povo sem história e somente voltado ao lado místico.

## REFERÊNCIAS

BORGONHA, Mirtes Cristiane. **História e etnografia Ofayé**: Estudo sobre um grupo indígena do Centro-Oeste brasileiro. Florianópolis, 2006. Tese de Mestrado.

FINLEY, M. I. **Uso e abuso da história**. Livraria Martins Fontes Editora LTD, São Paulo, 1989.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**, Editora Contexto: São Paulo, 2001.

GRUPIONI, L. D. B. (Org.); LOPES DA SILVA, A. (Org.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1. e 2. graus. 1. ed. São Paulo: MEC/Ministério da Educação e do Desporto, MARI-Grupo de Educação Indígena/USP e UNESCO, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1989.

MUSSI, Vanderléia P. L; CALDERONI, Valéria. A. M. O. **Culturas e História dos Povos Indígenas**. 5º Módulo. Desconstruindo Preconceitos sobre os Povos Indígenas. Editora UFMS, Campo Grande, 2014.

NIMUENDAJÚ, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani**. Editora Hucitec e Editora da USP, São Paulo, 1987.

RIBEIRO, Darcy. **Uirá sai à procura de Deus**. Ensaios de Etnologia e Indigenismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

ROCHA, Everardo, **O que é mito**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.